

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ALLAN DWAN

12 e 18 de Janeiro de 2022

HER FIRST AFFAIRE / 1932

um filme de ALLAN DWAN

Realização: Allan Dawn *Argumento:* Brock Williams, Dion Thitheradge *a partir da peça homónima de* Frederick J. Jackson e Merrill Rogers *Fotografia:* Geoffrey Faithfull *Som:* Michael Rose *Montagem:* John Seabourne Sr. *Direcção artística:* J. Elder Wills *Guarda-roupa:* Gilbert Clark *Interpretação:* George Curzon (Carey Merton), Diana Napier (Mrs. Merton), Ida Lupino (Ann Brent), Arnold Riches (Brian), Muriel Aked (Agatha Brent), Harry Tate (Major Gore), Helen Haye (Lady Bragden), Kenneth Kove (Professor Hotspur), Melville Gideon (o próprio), Roland Culver (um bêbedo), as gémeas Blackburn (as gémeas).

Produção: St. George's Pictures (Reino Unido, 1932) *Produtor:* Frank Richardson *Cópia:* NFTVA, 35 mm, preto-e-branco, legendada electronicamente em português, 68 minutos *Estreia:* 7 de Dezembro de 1932 *Inédito comercialmente em Portugal Primeira apresentação na Cinemateca.*

Nos cartões dos créditos de *Her First Affaire*, Ida Lupino surge numa modesta posição do elenco cujos primeiros nomes são George Curzon e Diane Napier. Não é de estranhar. Allan Dwan filmava no início dos anos 1930 em Inglaterra, onde então passou dois anos e realizou três filmes (*Her First Affaire*, *Counsel's Opinion* e *The Spy*); Ida Lupino era uma principiante. Nascera em 1918 em Londres, sete anos depois de o pioneiro Dwan se ter iniciado nas lides da realização e, actriz praticamente desde o berço vaudeville da trupe familiar Lupino, dava os primeiros passos no cinema que havia de levá-la a Hollywood onde se tornaria actriz dos estúdios e realizadora independente (com cidadania americana desde 1948). Os anos 1940 e 1950 foram dos mais esplendorosos da sua filmografia em que *Her First Affaire* é justamente o segundo título de um sério elenco, posicionando-se depois de *The Love Race* (Lupino Lane, 1931, o filme da sua primeira e discreta aparição realizado por um primo e protagonizado pelo seu pai Stanley Lupino). É pela genealogia filmográfica de Lupino que este filme é hoje sonante.

No percurso de Allan Dwan, *Her First Affaire* é pois uma produção britânica dos primeiros anos do sonoro, quando decidiu ficar pelos lados de Londres, numa passagem para as termas europeias de Carlsbad que visitava todos os anos. Ele lembrava-a como a mais memorável de três, justamente pelo achado de Lupino. Conta-o na entrevista de 1964 a Simon Mizrahi, relatando a maneira divertida como a mãe dela apareceu a candidatar-se ao papel da ingénua de *Her First Affair* – “Em Inglaterra é costume, todas as ingénuas têm quarenta anos” –, trazendo consigo a filha na qual ele reparou. Fez então notar à progenitora que era da filha que precisava e que nada nos catorze anos da petiza era absurdo – “É a idade do papel: uma rapariga muito jovem que se apaixona por um homem de muito mais idade”. Terá havido discussão, como terá havido surpresa quando o filme estreou, primeiro chocando, depois deleitando o público. Dwan diz ter percebido na rodagem – “Disse muitas vezes ao chefe da Paramount em Londres: ‘Se você for esperto faz já um contrato com esta miúda!’ E vocês sabem a carreira que ela veio a ter seguidamente.”

Sabemos: em 1939 filmava com Wellman em Hollywood (*The Light that Failed*); em 1940 encontrava-se pela primeira vez com Raoul Walsh (*They Drive by Night*), com quem aprende muito do ofício que

viria a exercitar atrás da câmara no importante núcleo de filmes da The Filmmakers Inc. em que seria argumentista, produtora e realizadora, não deixando de ser atriz de produções dos grandes estúdios e alianças com grandes realizadores como, além de Walsh, Nicholas Ray. Neste filme de créditos com fundo caleidoscópico, a jovem Lupino de rosto redondo e louro cabelo curto é apresentada como uma adolescente sonhadora (e também um pouco tola) que decide apaixonar-se pelo escritor que gosta de ler, decidindo além disso, que ele está apaixonado por si. Porque – é uma das primeiras falas, quando a personagem leitora conversa com o rapaz que lhe vem perturbar a leitura do último livro de Carey Merton – “Carey Merton consegue fazer estremecer qualquer mulher com uma só frase”. (Corroboram-no os planos de raparigas que exprimem mais ou menos o mesmo afã.)

O rapaz é o namorado ou pretendente a namorado da saltitante rapariga, sendo a dupla uma das três do filme: Ann e Brian cruzam-se com o casal formado pelo escritor e a mulher, Carey Merton e a Sra. Merton, a que o filme não dá nome próprio, quando se decidem a ir à caça do autor de *The Restless, Love Calls but Once, Love's Litany, Fires of Impulse* (!); e todos convivem com a improvável parilha de baile de máscaras pela qual respondem a tia Agatha Brent (uma velhota das cavernas) e o Major Gore (um Napoleão Bonaparte). O baile de máscaras – em que o melhor mascarado é o escritor quando surge com o seu roupão de trazer por estúdio – ocupa uma parte razoável do filme, que assume o tom da mascarada ligeira com falas espirituosas, entrando a matar o casamento, “coisa antiquada”, ou o espírito quadrado masculino, “um homem tem de ser livre, mas uma mulher tem de estar acorrentada”.

As *fogueiras do impulso* (!), título em que, mais do que literatura de cordel ou lixo, o jovem Brian lê um mais grave “veneno mental”, impelem então a impetuosa Ann. O percurso – num desacerto “de correcção” cavado pelo tempo decorrido até aos visionamentos contemporâneos – faz com que Lupino troque a pele traquina com que na abertura a vemos correr às voltas do sofá na brincadeira com Brian por uma languidez de Lolita (na iconografia do romance que Nabokov publicaria cerca de duas décadas depois) mas assanhada de ingenuidade. A maneira como ela se atira (numa cena literalmente) para o colo do escritor popularucho, ele próprio olhado como uma criança pela mulher que o consola da inicial “crise criativa” e demonstra condescendência, é elucidativa de ambos os atributos, além de divertida. A rapariga aparece ao casal Merton como a encarnação da heroína (“uma rapariga moderna”) que tarda em ganhar vida no livro que Carey está a tentar escrever, o resto decorre. Nada é tão bom como na cena em que a rapariga convencida que é-será amante do escritor e a mulher deste trocam argumentos segundo uma tese de empréstimo, convencida a primeira de que o que se passa na sua cabeça tem tradução real e a segunda ciente dos resultados da bonomia.

Fora isso – fora a irrequieta graça da jovem Lupino, fora a graça destilada nos diálogos, tragáveis quando ouvidos nos termos dos códigos –, *Her First Affair* compõe-se emoldurado pelas traves da janela do estúdio do escritor sentimental. A acção espreita-se à socapa, a escala e o enquadramento dos planos, as suas linhas mestras, os movimentos da câmara que se aproxima desse espaço interior captado do lado de fora, são filmadas à boca de cena. Até o cão que rosna quando o par mais novo invade a propriedade do casal mais velho é enquadrado na ombreira da porta lateral à janela com vista para o escritor à secretária. As portas e janelas que ligam interiores e exteriores, dando espessura e profundidade de campo, são uma característica das imagens de Dwan em muitos muito memoráveis filmes, aqui associada à ideia paralela que comanda a intriga.

Maria João Madeira